

Comércio poderia parar

Nova Iorque — A maioria dos bancos norte-americanos decidiu manter abertas com o Brasil suas linhas de crédito interbancárias e comerciais de curto prazo, cobertas por um acordo que terminou no final da jornada de negócios de ontem, confirmaram fontes financeiras de Nova Iorque.

Uma fonte ligada ao Citibank, o maior banco norte-americano, disse que a instituição manterá suas linhas abertas, atendendo ao pedido formulado na semana passada pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros.

As linhas brasileiras de depósitos interbancários e de créditos comerciais de curto prazo com os bancos mais importantes dos Estados Unidos e do resto do mundo somam a 15 bilhões de dólares.

Num telex enviado semana passada, ao final de uma reunião com o comitê assessor de seus bancos credores, Gros sinalou que sem essas linhas o comércio exterior do Brasil seria paralisado, impedindo a geração dos saldos de que necessita para cobrir suas obrigações, o que iria contra o interesse de todos.

As fontes disseram que os fundos das linhas comerciais de curto prazo "estão, na realidade, comprometidos com uma série de empréstimos que vencem em datas distintas,

dependendo de quando foram comprometidos".

"ESPERAR PARA VER"

A expectativa é que a maioria dos bancos, grandes e pequenos, mantenha as linhas abertas na condição de "esperar para ver" se o Brasil cumpre com os pagamentos em seus vencimentos, completaram os informantes.

Os bancos enfrentaram ontem, também, a decisão de reclassificar ou não os empréstimos como "no performing" ou inoperantes, uma decisão que afetaria seus lucros no fechamento das contas do primeiro trimestre do ano.

Outros banqueiros disseram que manteriam abertas as contas com o Brasil "até ver o que traz" o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que está sendo esperado nos Estados Unidos neste final de semana para assistir às reuniões da primavera do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

É quase certo que Funaro se entrevistará com as principais autoridades financeiras norte-americanas e com o comitê bancário, em Washington e Nova Iorque.

Os empréstimos a médio e longo prazos, sobre os quais o Brasil suspendeu o pagamento dos juros, totalizam cerca de 70 bilhões de dólares, ou seja, dois terços de sua dívida externa de 108 bilhões de dólares.